Desenhando a psicologia: uma reflexão sobre a formação do psicólogo

Maria da Graça M. Gonçalves* e
Ana Mercês B. Bock**

RESUMO. O artigo que se segue é uma reflexão sobre a formação do psicólogo, feita a partir de um exercício de desenho realizado com alunos dos 1º e 5º anos da Faculdade de Psicologia da PUC-SP. Foi solicitado aos alunos que desenhassem um psicólogo em situação de trabalho. Comparamos os desenhos e pudemos a partir daí fazer uma pequena avaliação do currículo da Faculdade, implantado em 1989.

Participaram do exercício e fizeram a análise dos desenhos, todos os alunos do 1º ano, em 1995, cursando a disciplina Psicologia Geral.

A nosso ver, o debate sobre a formação, aparentemente esgotado, deve continuar, pois continuam presentes questões importantes, como o modelo de profissional presente em nossos cursos e em nossa profissão; a visão de homem presente na psicologia; o currículo oculto de nossas faculdades e a visão assistencialista da profissão. Ultrapassar esses aspectos e retomar a finalidade da universidade, como produtora de conhecimento necessário à transformação das condições de vida, são ainda grandes desafios.

Palavras-chave: imagem, psicologia, formação profissional, curriculum.

Uma das questões que sempre ocupa espaço nos debates sobre a formação do psicólogo diz respeito à influência do curso sobre o estudante. Que modificações o curso efetivamente promove em relação a sua visão da profissão e das possibilidades de atuação profissional? O que lhe possibilita em termos de análise das demandas para a psicologia e de como responder a elas? Em relação a aspectos como esses, nossos alunos saem modificados ao final do curso? Em quê? Como sabermos se é o curso que promove essas mudanças e/ou essas reflexões?

Essa preocupação não é recente. Surgiu na década de 70 quando, em sua tese de doutoramento, a professora Sylvia Leser de Mello Pereira (1972) surpreendeu-nos com o dado de que os cursos de graduação contribuíam muito pouco para mudanças na imagem que os alunos tinham da profissão. A tese apontava que os psicólogos não possuem "imagem adequada das suas funções sociais, pois, de fato, elas nem sequer chegam a ser percebidas como funções sociais (...) [a concepção da psicologia está] alheia às Instituições sociais, devotada ao estudo do comportamento humano em si e por si (...)" (p. 72). Ao analisar a formação dos psicólogos, apontava: a unilateralidade do treino recebido pelos profissionais; a reduzida preocupação com a pesquisa e o desinteresse dos cursos e profissionais por algumas áreas de aplicação da psicologia. E alertava: as atividades dos profissionais são responsáveis diretas pela imagem do psicólogo; "o psicólogo deve ter imagem adequada de suas funções e seus serviços devem atingir faixa ampla da população" (p. 78).

* Docente do Departamento de Psicologia Social e coordenadora de curso da Faculdade de Psicologia da PUC-SP; professora da disciplina Psicologia Geral (1º ano); Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP.

** Docente do Departamento de Psicologia Social e diretora da Faculdade de Psicologia da PUC-SP; professora da disciplina Psicologia Geral (1º ano); Mestre e doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP.

Em 1994, no II Encontro de Clínicas Escola, realizado na PUC-SP, tomamos contato com o trabalho do professor Manoel Antônio dos Santos, coordenador da clínica psicológica da Faculdade de Psicologia da USP-Ribeirão Preto. O trabalho, intitulado *O empório da intimidade: A psicologia que o aluno deseja encontrar no curso de formação* (ainda não publicado), relatava uma experiência muito interessante realizada pelo professor entre os alunos da graduação.

O professor Santos solicitou aos alunos do curso de psicologia que desenhassem um profissional inserido em uma situação de trabalho; fez com eles, também, uma pequena entrevista sobre o desenho. A discussão feita a partir da experiência demonstra claramente que, 22 anos depois do trabalho de Pereira, as questões da formação e da profissão não se modificaram, e os alunos, em ambas as pesquisas, não apresentam mudanças significativas em suas concepções a respeito, desde o início até o término do curso (os dados dos alunos de 1º e 5º anos não mostram diferenças significativas). Reproduzimos, a seguir, algumas das constatações apresentadas pelo professor:

- destacam-se as situações de trabalho típicas da psicologia clínica; mesmo as outras áreas revelam impregnação da concepção de atuação clínica;
- o impacto do curso sobre a estrutura geral das representações é pequeno;
- na área clínica, o modelo de atuação em consultório particular é claramente privilegiado e mantém-se consistentemente do 1º ao 5º ano do curso;
- nenhuma outra área se fortalece significativamente, do 1º ao 5º ano, a ponto de competir com a clínica;
- do 1º ao 5º ano há uma queda na freqüência com que a pesquisa é mencionada;
- o psicólogo é visto como alguém que atua em uma relação face a face com o cliente, em uma situação de interação dual e direta; aparece ainda muitas vezes atrás de um divã, em que se encontra deitado o paciente;
- é freqüentemente retratada a postura de investigar o outro, dissecar sua intimidade para um fim supostamente nobre: o de ajudá-lo;
- há a presença de estereótipos e preconceitos: cadernos de anotações, consultório com quadros e diploma, psicólogo como pai iluminado que proporciona luz (uma figura de lâmpada); hipervalorização dos órgãos sensoriais para observação e escuta (enormes olhos e orelhas);
- o paciente chora, fala, tem conflitos;
- está presente nos desenhos o conflito: ajudar à população (trabalho com pessoas humildes) *versus* desejo de realização profissional (consultório).

Acreditamos, como Santos, que estas constatações podem ser interpretadas como uma espécie de fotografia panorâmica do curso de graduação.

Permite avaliar com que efetividade as atividades acadêmicas estão sendo capazes de modelar uma representação mais adequada e realista da prática profissional. Essa fotografia funciona ainda como um 'negativo' das atividades concretas que os psicólogos vêm desenvolvendo em nosso meio ou, pelo menos, retrata a maneira como essas atividades têm sido filtradas pelos

> alunos. A prática profissional, por sua vez, influencia as representações dos estudantes; constitui, em última instância, o estofo das suas representações sobre a profissão. Os alunos nem sempre têm contato direto com as condições concretas de atuação dos psicólogos. As informações sobre essa atuação chegam até eles através dos meios de comunicação de massa e dos meios especializados (como livros e periódicos da área), mas são reforçadas, sobretudo, através dos professores, que fornecem diretamente os modelos de atuação e funcionam, efetivamente, como os modelos de identificação sobre os quais o aluno molda sua percepção acerca do psicológico. (Santos, 1994)

E assim, Pereira e Santos constatam a mesma coisa: nossos cursos não estão sendo capazes de problematizar a prática dos psicólogos, caso contrário, teríamos outro conteúdo expresso nos desenhos. Sabemos que os alunos, ao optarem pela psicologia, trazem já vários estereótipos do que seja o profissional da área e conhecem um determinado modelo de atuação. Deseja-se que a universidade desempenhe um papel de reflexão e crítica sobre esta bagagem, a fim de garantir, na formação do psicólogo, uma visão ampla das necessidades impostas à sua atuação pelas demandas sociais, além de condições para avaliar a relevância e as prioridades dessas demandas. Se isso ocorresse, as expectativas e a imagem da profissão, trazidas pelos estudantes ao ingressar nos cursos, necessariamente se transformariam, ao longo dos cinco anos do curso e ao longo do tempo. Infelizmente, não é isto que estas pesquisas, assim como outras, demonstram.[1] Temos, com nossos cursos, reforçado estereótipos e mantido como hegemônico um modelo de atuação, que

> peca não pelo fato de ser clínico, e sim porque corresponde, na verdade, a uma certa concepção de atuação clínica, qual seja, individualista, assistencialista, dispendiosa e elitista. Mesmo quando vai para o trabalho comunitário ou institucional, o aluno leva aquele desejo de investigar a intimidade do outro. Esta concepção está longe de ser baseada numa visão de homem inserido em um processo histórico. (Santos, 1994)

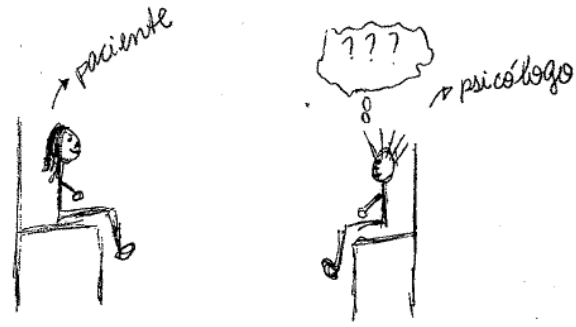
Em 1995, responsáveis pela disciplina Psicologia Geral da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, consideramos que seria bastante interessante discutir o trabalho do professor Santos com nossos alunos. O objetivo geral dessa disciplina é apresentar a psicologia, enquanto ciência e profissão, como uma construção histórica. Para isso, trabalhamos a partir das expectativas e imagem que os alunos trazem, no sentido de problematizá-las para, em seguida, pontuar as questões com as quais hoje se defronta a psicologia, na sua historicidade; na seqüência, o curso apresenta a história da psicologia. Assim, para o debate inicial a respeito das expectativas e imagem da psicologia que os alunos trazem, decidimos realizar com eles um exercício semelhante à experiência do professor Santos. Pedimos, então, aos alunos do 1º ano, na primeira aula, que desenhassem um psicólogo inserido em uma situação de trabalho. Informamos que poderiam escrever explicações no desenho feito, se quisessem. Os próprios alunos analisaram os desenhos (trocados entre as turmas), com a ajuda do texto do

1 Ver outras indicações de pesquisas realizadas sobre o assunto na bibliografia complementar.

professor Santos. Em seguida, solicitamos aos alunos de 5º ano que fizessem a mesma tarefa; seus desenhos também foram analisados pelos alunos do 1º ano, nas aulas de Psicologia Geral.

Antes de comentarmos os resultados que obtivemos nesse exercício, gostaríamos de registrar um dos elementos da análise feita pelos alunos que nos parece bastante importante. Os alunos consideraram que seus desenhos expressam, sem dúvida, uma imagem da profissão; no entanto, alertam para o fato de que, ao serem solicitados a fazer um desenho que representasse um psicólogo em situação de trabalho, eles buscaram uma imagem que fosse compreendida, uma imagem que contivesse elementos que permitissem aos outros a identificação do psicólogo. Neste sentido, acreditam que a solicitação do desenho traz consigo uma busca da reprodução de aspectos reconhecidos como "do psicólogo", ou seja, tendem a reproduzir, no desenho, a imagem social mais do que a visão que possuem da psicologia e do trabalho do psicólogo.

No 1º ano estes elementos são os mais comuns, mais banalizados e estereotipados; no 5º ano, os alunos já apresentam uma possibilidade maior de reproduzir uma imagem desenvolvida pela própria categoria dos psicólogos.



Nossos resultados, no 1º ano, não diferem em absoluto das constatações apresentadas pelo professor Santos. No entanto, nos desenhos dos alunos do 5º ano percebemos algumas diferenças. A saber:

- os desenhos parecem revelar uma visão crítica da profissão e seu modelo clínico: o psicólogo aparece dormindo ou distraído, enquanto seu paciente fala; o

psicólogo olha no relógio denotando impaciência (aliás, o relógio é um objeto novo nos desenhos e bastante presente); o profissional aparece em pé trabalhando;

- reduz-se a onipotência: o tamanho do psicólogo é igual ao do cliente (nos desenhos do 1º ano chama a atenção a desproporção entre as figuras do profissional, sempre grandes, e do cliente, sempre pequenas, às vezes minúsculas); desaparecem as grandes mãos, ouvidos e olhos; aparecem situações em que o psicólogo olha impotente, como frente à realidade da miséria e da loucura; em vez do paciente ter a "cabeça cheia de dúvidas", como nos desenhos do 1º ano, é o profissional que tem; em alguns desenhos, no entanto, aparece ainda a lâmpada;

- surge uma riqueza de situações de trabalho: psicólogos em hospitais, hospitais-dia, escola, creche, empresa, presídio, instituições as mais variadas; além disso, psicólogos estudando, dando aula e pesquisando;

- surge, em alguns desenhos, a equipe multiprofissional, em que o psicólogo aparece como um dos profissionais;

- aparece a idéia (por escrito) de que o psicólogo poderia estar em qualquer lugar trabalhando, desde que houvesse pessoas, relações, subjetividades;

- ainda temos alguns desenhos com a situação e imagem tradicional do psicólogo na poltrona e o paciente no divã, mas são em número reduzido;

- a idéia de "ajudar o outro", bastante presente no 1º ano, aparece substituída por "caminhar juntos" (em um desenho!).



Embora esses elementos sejam ainda insuficientes para concluírmos alguma coisa mais definitiva sobre a formação oferecida pela Faculdade de Psicologia da PUC-SP, colocam-nos a oportunidade de algumas reflexões sobre nosso currículo, acreditando que, desta forma, poderemos contribuir para o debate sobre a formação do psicólogo.

Na Faculdade de Psicologia da PUC-SP temos um novo currículo, implantado em 1989. Um dos aspectos inovadores em relação ao "currículo velho" é a obrigatoriedade de estágios em áreas diferentes, no 4º ano. Assim, os alunos passam, necessariamente, como estagiários, por algumas dentre as instituições de saúde, como centros de saúde, hospitais gerais, ambulatórios, centros de convivência, etc. Passam também por instituições educacionais, Febem, escolas da rede pública, creches, centro de juventude, etc. Além disso, cumprem atividades relativas ao atendimento clínico, em psicoterapia, e à atuação em empresas, na área de trabalho. Os programas teóricos que subsidiam a atuação nos estágios, além de continuarem a formação teórica nas diversas linhas da psicologia, introduzem algumas outras discussões. Nossos alunos discutem saúde e promoção de saúde; estudam e debatem o Sistema Nacional de Saúde e a política educacional brasileira; discutem a dificuldade de contribuírmos aos serviços públicos, com nossas técnicas e instrumentos sofisticados. No 5º ano, a oferta de estágios nas diferentes áreas continua, mas, aí, diferentemente do 4º ano, o aluno pode escolher os estágios que quer realizar.

Parece-nos que o novo conteúdo dos desenhos, encontrado entre nossos alunos de 5º ano, revela, ao menos, o conhecimento da possibilidade de uma atuação do psicólogo mais diversificada. E parece-nos que, de alguma forma, isso foi favorecido pelas modificações introduzidas pelo currículo novo. Com isso, acreditamos que avançamos na tentativa de superar alguns dos problemas apontados na formação; se não ainda de maneira mais qualitativa, ao menos no fato de se descortinar uma realidade de atuação possível e que demanda uma prática diferenciada do psicólogo.

Entretanto, apesar de entendermos que as mudanças que apareceram nos desenhos de nossos alunos são significativas e indicam um caminho de renovação da formação, não temos a ilusão de que superamos todos os velhos problemas; além disso, parece-nos que surgiram outros.

Se os desenhos dos alunos do 5º ano revelam uma percepção da possibilidade e da necessidade de um psicólogo voltado para a atuação nas instituições educacionais e de saúde, em equipes multiprofissionais, etc, o mesmo não aparece nas escolhas de estágios feitas por esses mesmos alunos no último ano. Predominam, quase de maneira absoluta, as escolhas de núcleos (estágio + programas teóricos correspondentes) na área de atuação em clínica, mais especificamente em atendimento individual em psicoterapia. Em algumas ocasiões, desde a implantação do novo currículo, os núcleos oferecidos em algumas outras áreas (escola, instituições de saúde) nem mesmo chegaram a ocorrer, devi-

do à pouca procura por parte dos alunos. De certa forma, esse tipo de distribuição dos alunos na escolha das diferentes áreas repete o que já ocorria com o currículo anterior. Por outro lado, e revelando um processo contínuo de reprodução da situação, também as ofertas de estágio e núcleos, que partem dos professores, têm a mesma distribuição; ou seja, há maior oferta de núcleos em psicoterapia, nas diferentes linhas teóricas. Por outro lado, os núcleos que oferecem estágios em instituições de saúde pública e educação, propondo atividades em equipes multiprofissionais, na perspectiva da promoção de saúde, têm apresentado dificuldades em sua realização. Os alunos consideram, na maioria das vezes, que aprendem pouco em termos técnicos, que a leitura psicológica fica pouco clara por misturar-se com outras leituras, que a população atendida não se mantém no trabalho e que as instituições não oferecem condições adequadas para o estágio.

Outro indicador de qual é o interesse que predomina entre os nossos alunos no final de sua formação pode ser encontrado nos temas de seus trabalhos de conclusão de curso. Embora não disponhamos ainda de uma análise mais detalhada desses temas, pode-se perceber, em uma aproximação inicial, que temas teóricos e temas "clínicos" são os que predominam. Poucos trabalhos discutem questões relativas a uma nova perspectiva de atuação do psicólogo, embora eles ocorram.

Esses elementos nos mostram que ainda há muito a fazer para superar os velhos problemas da formação. Mas os desenhos de nossos alunos de 5º ano nos mostram que talvez tenhamos também novas questões a enfrentar.

Embora seja interessante perceber que o psicólogo perdeu a "onipotência" nos desenhos, devemos atentar para um possível sentimento de "impotência" que parece estar presente em alguns deles. Talvez a dificuldade de visualizar alternativas concretas de atuação, que vão além da prática clínica tradicional, seja responsável pela manutenção do predomínio dessa área nas escolhas e na imagem que o formando ainda apresenta da profissão. Entretanto, longe disso ser uma justificativa para a situação, é mais uma crítica para a universidade e a formação que ela fornece. Afinal, não deveria ser papel da universidade propor, a partir da pesquisa e da reflexão crítica, novos caminhos de atuação profissional? A universidade não deveria estar contribuindo para que novas tendências se instituíssem na profissão?

Obra recente do Conselho Federal de Psicologia, intitulada *Psicólogo brasileiro – práticas emergentes e desafios para a formação* (1994), caracteriza de modo bastante interessante as principais tendências de mudanças emergentes nas práticas e nas concepções dos psicólogos brasileiros. Em poucas palavras poderíamos resumir essas mudanças nos seguintes pontos:

- uma concepção sobre o fenômeno psicológico que passa de centrado no plano individual (indivíduo a-histórico, isolado do seu contexto social) para um fenômeno visto na sua interdependência com o contexto sociocultural;

- a fonte de conhecimento que embasa a prática passa de uma perspectiva unidisciplinar para uma perspectiva multidisciplinar;

- a natureza da intervenção passa de centrada na ação do psicólogo isoladamente para uma atuação em equipes multiprofissionais; e de focada no indivíduo intrapsíquico (caráter curativo e remediativo) para uma intervenção centrada em contextos, em grupos (caráter preventivo);

- de recursos técnicos restritos e originários basicamente no âmbito da própria psicologia para uma diversidade de recursos e instrumentos que extrapolam o campo da psicologia;

- de uma clientela predominantemente de classe média para uma clientela mais diversificada, incluindo segmentos socialmente excluídos;

- de uma atitude frente ao conhecimento e às técnicas da psicologia consumista para uma atitude crítica;

- e, finalmente, a natureza do compromisso como profissional que passa de uma preocupação humanista e voltada para o atendimento de necessidades individuais para uma preocupação com o engajamento pela transformação social (esses dados se encontram no capítulo 5 do livro citado).

A formação dos psicólogos não parece estar caminhando nesta direção. As mudanças apontadas pelo Conselho Federal de Psicologia parecem decorrer mais dos movimentos sociais, nas áreas de saúde, educação e sindical, que têm explicitado novas demandas da população, do que da produção de conhecimento promovida pela universidade. Esta, na melhor das hipóteses, tem ido à reboque das transformações ocorridas na prática e no campo de trabalho dos psicólogos. Os currículos de psicologia têm absorvido muito pouco estas mudanças.

Acreditamos que a universidade deve retomar sua finalidade como produtora de conhecimentos que contribuam para a transformação da sociedade e a melhoria na qualidade de vida. Quando, na PUC-SP, reformulamos o currículo, tínhamos esse tipo de preocupação; mas, apesar de nossos esforços, nem tudo se modificou. Portanto, o debate sobre a formação, aparentemente esgotado, deve continuar, pois continuam presentes questões importantes, que têm ocupado espaço nas reflexões dos educadores e dos psicólogos nos encontros e congressos das entidades da categoria.

A questão do modelo de atuação que está sendo transmitido em nossos cursos é uma das mais importantes: um modelo baseado em uma visão liberal de homem. Esta concepção não vê o homem inserido em relações sociais que o determinam. O homem tem sido visto na nossa sociedade, na nossa ciência, na nossa profissão, na formação e nos desenhos de nossos alunos como uma entidade autônoma – o Homem – que possui direitos inalienáveis, derivados de sua própria humanidade; isto é, exclusivamente o fato de ser homem já lhe dá possibilidades e direitos; entende-se que possui potencialidades que se desenvolvem desde que seja livre para desenvolvê-las. Esta idéia está presente no

modelo de atuação que supõe a possibilidade de superar dificuldades e impasses pessoais a partir de um esforço do indivíduo. Embora sejam questões e aspectos humanos determinados pela condição concreta de vida dos homens, portanto determinados historicamente, parecem poder ser superados com um esforço pessoal "(...) dada a ilusão da auto-determinação e do livre arbítrio" (Santos, 1994).

Outra questão que nos parece importante é reconhecermos que, além do currículo explícito que temos nos cursos, é fator fundamental na formação do aluno o "currículo oculto". A formação faz-se na sala de aula, mas não só; ocorre também no corredor da escola e até no ônibus que tomamos (ou não...) para ir à escola; dá-se no contato com a realidade do posto de saúde, ou da escola pública, ou da escola particular. A formação dá-se através do conteúdo ministrado nos cursos, mas não só. Ocorre pela identificação com o modelo que o professor é, efetiva e inevitavelmente. A formação também se dá pelo currículo oculto nos valores e na ética do professor e dos colegas; nos comentários, nos exercícios, na frase que o professor utiliza para comentar o trabalho do aluno; no texto que escolhe para seu trabalho em classe, na análise que faz da realidade do estágio; nos exemplos que traz de sua prática profissional e na imagem da profissão presente em todos os seus atos e discursos.

Acreditamos que é tarefa prioritária incluírmos em nossos debates sobre currículo não apenas os conteúdos explícitos, mas também, e talvez principalmente, os ocultos.

Com este debate talvez possamos alcançar um outro conjunto de questões; é necessário identificarmos o que tem contribuído para a manutenção da visão assistencialista da profissão, visão esta presente, claramente, nos motivos que nos levam à profissão: autoconhecimento e ajuda ao próximo. Muito se tem analisado, apontado, denunciado sobre esta visão; no entanto, a visão dominante na profissão ainda é a visão assistencialista.

A universidade precisa retomar sua finalidade e seu compromisso com a sociedade, produzindo conhecimentos e procedimentos que sejam efetivos na solução dos problemas sociais. A universidade precisa avaliar e reestruturar sua atuação, formando profissionais qualificados, que assumam um compromisso de transformação da sociedade. Para isto, os cursos de psicologia devem buscar a superação da visão de homem autônomo, descolado de sua realidade histórica; deve buscar a construção de novas concepções de fenômeno e atuação psicológica, para a construção de novas práticas condizentes com a realidade social brasileira. Devemos ser capazes de superar os motivos assistencialistas que nos levam à profissão, criando motivos críticos que nos mantenham nela; devemos deixar de repetir psicologia para sermos capazes de criá-la; é preciso ensinar os alunos a identificar, nas situações de trabalho, o fenômeno psicológico e as possibilidades de intervenção do psicólogo; saber planejar adequadamente sua intervenção. Devemos torná-los capazes de contribuir para a construção de uma nova

imagem social do psicólogo, através de uma atuação que ultrapasse a prática exclusivamente curativa, baseada no patológico, e que esteja fundamentada na perspectiva da promoção de saúde.

Referências bibliográficas

Pereira, S. L. M. (1972) – **As atividades profissionais do psicólogo em São Paulo**. Tese de Doutoramento. Universidade de São Paulo.

Santos, M. A. (1994) – **O empório da intimidade: a psicologia que o aluno deseja encontrar no curso de formação**. Trabalho apresentado no II Encontro de Clínicas Escola PUC-SP. Ribeirão Preto.

Conselho Federal de Psicologia (1994) – **Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação**. São Paulo, Casa do Psicólogo.

Bibliografia

Bock, A. M. B. (1991) – **Pensando a profissão de psicólogo ou eu, caçador de mim**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Carvalho, A. M. A. (1982) – A profissão em perspectiva. **Psicologia** 8(2).

_____. (1984a) – "Atuação psicológica" alguns elementos para uma reflexão sobre os rumos da profissão e da formação. **Revista Psicologia – Ciência e Profissão do CFP**, 2, ano 4.

_____. (1984b) – Modalidades alternativas de trabalho para o psicólogo recém-formado. **Cadernos de Análise do Comportamento**, 6, pp. 1-14.

_____. (1984) – **Formação em psicologia em São Paulo: o ponto de vista do aluno**. Comunicação apresentada na 36ª Reunião Anual da SBPC. São Paulo.

Gil, A. C. (1982) – **O psicólogo e sua ideologia**. Tese de Doutoramento. FESPSP.

Mello, S. L. (1975) – **Psicologia e profissão em São Paulo**. São Paulo, Ática.

Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo e Conselho Regional de Psicologia – 6ª região (1984) – **O perfil do psicólogo no estado de São Paulo**. São Paulo, Cortez.

Conselho Federal de Psicologia (1988) – **Quem é o psicólogo brasileiro?** São Paulo, Edicon-Educ-Scientia et Labor.

Conselho Federal de Psicologia (1992) – **Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços**. Campinas, Átomo.